

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

CAMINHOS DE JOÃO BRANDÃO

POSFÁCIO

Paulo Roberto Pires

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.

CAPAS

Raul Loureiro
sobre obra de Alice Brill/ Acervo Instituto Moreira Salles

FOTO DO AUTOR

p. 1: retrato de Carlos Drummond de Andrade pertencente ao
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Angela das Neves

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Caminhos de João Brandão/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio Paulo Roberto Pires. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2667-5

1. Contos brasileiros 2. Poesia brasileira 1. Pires, Paulo Roberto. II. Título.

CDD-869.3

15-09925

-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.3

2. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

15	História do animal incômodo
15	O cavalo
16	Opiniões
18	A cauda
20	A situação complica-se
21	Final
24	Para um dicionário
26	Telefone
28	Diabos de Itabira
31	José de Nanuque
33	O chope e a passagem
35	Impróprio para mineiro
37	Conversa de casados
40	A mesária
42	O amigo que chega de longe
44	Bombas sobre a vida
44	A fugitiva
46	Nova canção (sem rei) de Tule
49	Tudo de novo
51	O Rio em pedacinhos
54	O outro nome do verde
56	Dias que eles inventam
56	Do papai
58	Diploma
59	A nova aurora
61	Namorados no mundo
64	FMI
67	Escolha
69	O PTT
71	Descanso de garçom
73	A eterna imprecisão de linguagem
75	Na fossa

- 77 Acertado
79 A cápsula
81 No festival
84 Um livro, um sorriso
86 Antigamente
90 A datilógrafa
93 O indesejado
95 Os olhos
97 O importuno
99 O novo homem
102 O jardim em frente
105 Nós, antiguidades
108 Perigos e sonhos
108 Este Natal
110 Para cada um
112 O nome
114 Inativos
116 Encontro
118 Exercício de/sem (?) estilo
120 União nacional em três dias
123 A lixeira
125 O dono
128 Entre a orquídea e o presépio
130 Memorial das águas
130 Dois no Corcovado
131 Voluntário
133 Na treva
135 O telhado
138 Na escada rolante
140 A festa acabou
140 O beijo nos lábios
141 Sebastião explica-se
144 Cabral, em sua estátua
146 Queixa de uns óculos errados
148 Escolha seu batente
151 Casamento
154 Requerimento conservador

- 156 Um chamado João
159 Guignard na parede
162 Surge o poeta da flor
165 Que dia é hoje, Leninha?
167 História do cidadão no poder
167 João Brandão salvará o país?
168 Nova bossa: a qualqueridade
170 Começou assim o novo governo
172 Pedras no caminho de JB
174 Final (sem drama) da crise
177 O morto de Mênfis
- 181 Nota da edição
- 183 Posfácio
O alter ego de todo mundo,
PAULO ROBERTO PIRES
193 Leituras recomendadas
194 Cronologia

HISTÓRIA DO ANIMAL INCÔMODO

O CAVALO

Este Natal, deram a João Brandão um cavalo. Ele ia ficar radiante: sempre desejou cavalgar, jamais possuia animal. Já andou por fazendas e sertões, montando animais alugados. Era a primeira vez que tinha um cavalo de seu, perspectiva de alegria muita. O diabo é que seu cavalinho era de tamanho muito inferior ao natural; não revelava a menor inclinação para galopar, trotar ou mesmo andar de chouto: a rigor, não andava mesmo nada. Para falar claro: era um cavalo de cerâmica. E cabia dentro do escritório, mas impedindo resolutamente a passagem.

— Que vou fazer com este cavalo? — interrogou-se João Brandão, tropeçando numa cadeira. A dor da pancada no joelho impediu-o de responder a si mesmo, e o cavalo tampouco parecia disposto a escolher um destino. Ali o puseram, ali ficaria. Há presentes incômodos. Se o presente assume a forma inusitada de cavalo, fica-se com raiva da espécie, tão nobre e gentil, mas incompatível com a vida em apartamento. Também ocorreu a João ter raiva do amigo que o mimoseara com objeto de tal porte.

Pois o cavalo era pequeno para cavalo, mas enorme para decoração. Do tamanho de um jumentinho de puxar charrete de criança no parque? Talvez maior até. João procurou a fita métrica de costura da mulher, mediu a altura do bicho. Estava abaixo do metro e cinquenta de um manga-larga comum, mas excedia os noventa centímetros de um jegue. Com a medição, ficou esquecido o desejo de sentir raiva do presenteador. Mas o desejo voltou, e João teve vontade de devolver o cavalo.

Ideia tão grosseira não podia permanecer muito tempo em seu espírito. Acidiu-lhe outra menos irritada: passar adiante o cavalo, aproveitando este resto de ano, em que os retardatários

se presenteiam. Dar a quem? Não queria para seus amigos o que não queria para si. Entretanto, haveria entre eles algum de gosto menos fino, ou de sala mais vasta, onde o animal pudesse pastar em pensamento sua erva imaginária. Passou em revista relações menos chegadas. Mandar um cavalo daquele tamanho a um pouco mais que conhecido dava muito na vista. Além do mais, obrigava a retribuição. Já pensou o que poderia chegar, em agradecimento? Um camelo de plástico, talvez.

João lembrou-se daquele conto de Tchékhov: o médico que recebe do cliente agradecido, proprietário de loja de antiguidades, um candelabro de bronze, sustentado por mulheres nuas, um tanto marotas. “Agradeço, mas não posso botar isso em meu consultório”, diz ele. O cliente insiste: “Não me faça esta desfeita, doutor. É uma obra de arte muito apreciada. Pena é que falte a outra peça, pois trata-se de um par. Mas logo que eu consiga a outra, venho trazê-la para o senhor”. O médico, vencido mas inconformado, oferece o candelabro a um advogado que lhe ganhara uma causa. Mas este não pode expô-lo no escritório, frequentado por senhoras. Passa-o a um ator cômico, que, sendo ator cômico... Ele também não quer o candelabro, e vende-o ao antiquário. Este, feliz da vida, leva-o em triunfo ao médico: “Doutor, aqui está a segunda peça que eu lhe prometi!”.

João recuou, pensando que o cavalo podia voltar uma, duas vezes, para sempre. Enchendo seu escritório e sua vida.

Que fazer? Fica para a próxima.

OPINIÕES

Prometemos ao leitor a continuação do caso do cavalo. Segundo as normas da boa narrativa, hoje se informaria o que fez João Brandão para livrar-se da importuna alimária de barro, ganha pelo Natal. O relato inicial que fizemos, porém, despertou tamanha repercussão que julgamos de nosso dever consignar aqui algumas reações colhidas em diferentes círculos. Em encontros de rua, pelo telefone, em cartas e telegramas, choveram

comentários e palpites, cada um considerando lá de sua ótica a situação brandoniana:

Telefonema do sr. Leonel Pinto, gerente do Bazar Ao Tudo de Bom: “O cavalo foi adquirido em nossa loja e é uma obra d’arte. Desculpe, mas o sr. João Brandão não sabe apreciar o que é belo!”.

Bilhete da costureira Cacilda Melo, do Andaraí: “Tanta gente passando fome, e alguém se lembra de comprar uma inutilidade desse tamanho para dar de presente a quem não precisa de nada, pois acho que o sr. João Brandão é homem de fortuna!”.

O crítico Fernando Py, na Livraria Leonardo da Vinci: “O João está querendo repetir o caso do piano, no conto de Aníbal Machado. Acaba atirando o cavalo ao mar, na Barra da Tijuca. Não há originalidade nisso”.

“Falta de assunto.” (Um desconhecido, pelo telefone)

“A questão dos objetos imprestáveis, muitas vezes, caros e geralmente feios, com que se dão presentes” — observa o sr. Ranulfo Prates, economista — “merecia análise do ponto de vista da seletividade da produção. Um país de faixas irregulares de desenvolvimento, como o Brasil, com carência de bens e serviços essenciais, não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente. Esperemos que se tire do caso em tela uma lição.”

O pintor Reis Júnior: “Não gostaria que João Brandão se lembrasse de oferecer-me o cavalo. Mas notei uma falha na história: de que cor é o cavalo? Que tal a modelagem? Parece com os cavalos de De Chirico ou com os de Delacroix?”.

“Li a crônica, fui correndo jogar no cavalo e ganhei um tutu bem bonzinho. Muito obrigada, seu CDA!” (Uma vizinha que não quis dar o nome)

“Por que não faz rifa da estátua do cavalo, em benefício de uma obra de assistência social? Sou tesoureiro da Associação de Auxílio aos Maridos Abandonados e Desempregados, que luta com os maiores problemas financeiros, sendo eu próprio um deles. Coopere, seja um dos nossos sócios honorários, sr. Brandão!” (Apelo do sr. Indalécio G. Matoso, rua Parintins, 207, casa 3, Jacarepaguá)

“Abominável frivolidade cronista constitui pecado contra Espírito Santo.” (Telegrama de frei Domingos Engels, da Igreja Progressista)

“Eu por mim dava o cavalo ao Jockey Club, que não poderia recusá-lo. Rimei sem querer, é o hábito.” (Do trovador Matias Farias)

“Cavalo dado não se olha a idade, presente não se recusa nem se joga fora. João Brandão tem de ficar com o cavalinho, ainda mais agora que o caso se tornou público e o amigo dele vem a saber.” (D. Rosita Landowsky, do Curso de Etiqueta de Botafogo)

Lya Cavalcanti, à porta da Sociedade Protetora dos Animais: “Presente de Natal vai sempre com endereço errado. Brandão é dos que não querem nem periquito em casa, quanto mais cavalo. Diz a ele que mande o cavalo lá pra casa. Não faz mal ser de louça, eu trato dele assim mesmo”.

Prosseguiremos.

A CAUDA

A generosidade de Lya Cavalcanti, dispondo-se a ficar com o cavalo de João Brandão, bastaria para dar remate à história que vamos narrando, se as coisas neste mundo deslizassem no rumo natural; não deslizam. Só depois que o Brasil inteiro, graças a este e outros órgãos de divulgação, havia tomado conhecimento do presente, é que o distraído JB, revendo o cartão que acompanhara a dádiva, pôs reparo nestas palavras, escritas do outro lado: “Este cavalinho, saído da Cerâmica de Santo Antônio do Porto, é mágico. Move-se à meia-noite e anuncia o que vai acontecer no dia seguinte. Não indagues como e por quê, nem contes a ninguém este prodígio; do contrário, ele emudece e te morde”.

Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério. Para João, tudo é a sério, inclusive o sério, quanto mais um cavalo mágico. Fez boca de siri e aguardou a hora “da meia-noite que apavora”. Não chegou a apavorar, embora faltasse luz

da Light; a luz do entendimento de Brandão, espevitada pela incursão na área do maravilhoso, dava para criar condições de serenidade. E foi nesse ambiente de paz, com a lanterna de pilha funcionando, que a cauda do animal começou a mover-se de modo particular, como se desenhasse letras. João, bom leitor de criptogramas concret/praxistas e documentos oficiais, decifra tudo. Não lhe foi difícil perceber que o cavalo o saudava jubilosamente com a alegria de ver-se acreditado e consultado. Hoje em dia, ninguém consulta ninguém, sequer o dicionário; o resultado é a guerra no Vietnã, os desquites litigiosos, o indivíduo sair sem guarda-chuva num dia de sol e molhar-se todo, para citar só três exemplos.

Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo. “E o silêncio amplo e calado, calado fica.” O animal não era desses de sair badalando novidades. João que lhe perguntasse, e responderia. Foi o que nosso amigo concluiu, vendo-o passar da comunicação ao recesso. Então JB falou: “Cavalinho meu, profeta ou o que quer que sejas, dize: que farei amanhã de bom ou de mau?”.

Prontamente a cauda ondulou e descreveu a resposta: João não faria nada de bom; esqueceria compromissos; fingiria não ver, na mesa da Minhota, alguém que lhe prestara um benefício há anos; sem querer, esmagaria um besouro na praça General Osório; mentiria; assistindo a um filme de Sophia Loren, o estuque do teto do cinema lhe cairia em cima. Enfim, tudo errado, feio, penoso, nenhum gesto de grandeza ou felicidade compensatória.

Voltou o cavalo à sua rigidez, e João mergulhou em tristeza. Seria esse o dia seguinte? Não poderia evitá-lo, retocá-lo, compô-lo? “Cavalinho meu, ave ou demônio que negrejas (sei lá o que és), dize, dize: posso deixar de viver o dia de amanhã? Me dá um endereço onde eu arranje uma droga que melhore esse negro dia?”

“Isso eu não posso” — abanou a cauda —, “a Saúde Pública proíbe. Mas sossega: do esquecimento dos compromissos não virá mal ao mundo nem a ti; no Brasil isto nem se nota. O homem do restaurante estará entretido com a bacalhoadada e

não perceberá tua ingratidão; nem poderá perceber, pois não te prestou serviço algum, tu é que o confundiste com a cara do outro. O besouro estava com as asas partidas, não poderia viver. As mentiras... Ora, as mentiras. O estuque não te matará; apenas um susto. No fundo, teu dia será indiferente, ou neutro. Vai dormir."

Assim falou a cauda, e o resto será contado a seu tempo.

A SITUAÇÃO COMPLICA-SE

A cauda de um cometa e a cauda falante de um cavalo equivaleram-se: ambas fascinam o ser humano. Deprimido embora pelos anúncios que lhe transmitia o raro animal, João Brandão não lograva fugir ao seu encantamento. Passava o dia esperando meia-noite, e, em chegando esta, interrogava o futuro próximo. Na rua, sua fisionomia filtrava mistério, pelo que um agente federal suspeitou que ele cogitasse de subverter o regime promovendo eleições diretas, ou outra enormidade no gênero. Daí a pouco era convidado a depor em lugar secreto, sobre seus secretos desígnios. Não se surpreendeu: o cavalo já o prevenira de que teria complicações com o SNI, e que algo de grave iria acontecer.

Trataram-no com a maior cortesia; como o interrogatório se prolongasse por oito horas a fio, serviram-lhe galinha assada e sorvete de morango. João nada revelou, sabendo que a inconfidência lhe custaria dentada de cavalo. Isso não impediu que seu apartamento fosse visitado e vasculhado, e se descobrisse o cavalo. Objeto de cerâmica, daquele tamanho, era anormal, pelo que os agentes o levaram para averiguação. O aparelho de identificação eletrônica detectou os poderes sobrenaturais do animal, e logo o ministro Gama e Silva o requisitou para saber como seria o dia seguinte, e os mais seguintes, do governo da República.

O cavalo quis furtar-se à curiosidade ministerial. Não era informante público, e a infinita operosidade do marechal Costa e Silva e seus auxiliares excedia sua capacidade individual de prever todo um dia de realizações.

— Fale assim mesmo — pediu-lhe o professor Gama.

— Posso não. Coisa demais.

— Fale, fale.

— Amanhã ele vem ao Rio para descansar de Brasília, ou vai a Brasília para descansar do Rio. Inaugura uma fábrica de fósforos sem fogo, distribui medalhas e recebe cumprimentos. Baixará a taxa de juros a meio por cento e subirá o dólar a quatro cruzeiros novos e cinquenta. A inflação será contida às dez da manhã; os preços subirão às doze e às quinze e trinta, mas isso não terá nada que ver com a inflação. O Andreazza...

— Chega — interrompeu Gama. — Esse cavalo não tem nada de original. Pensei que ele fosse dizer alguma novidade, e fica nesse patati, patatá!

O animal — que a esse tempo já fora fichado, fotografado, filmado, declarado elemento subversivo de segundo grau, para ser de primeiro teria de passar da palavra à guerrilha — foi transportado a lugar incerto e não sabido.

Aqui começam as idas e vindas, os mil passos preocupados de João Brandão para restituir à liberdade o profeta de cauda. Sentia-se moralmente responsável por sua segurança, e até já lhe nutria afeição. Correu ao dr. Plínio Doyle para que este requeresse a medida legal conveniente. O advogado fora a Nova Friburgo em busca de documentos sobre a estada de Machado de Assis naquela cidade, em 1878, e sua pesquisa nos arquivos levaria duas semanas. João apelou para outros causídicos. Todos se esquivaram. João fora detido? Não. Então, como requerer *habeas corpus*? Para cavalo não cabe requerer *habeas corpus*. (Isso, depois de recorrer ao general Garrastazu, ao líder Ernâni Sátiro, seu comensal nos almoços da editora José Olympio, ao dr. Rondon Pacheco, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em vão.) Que fazer, que fazer? Caminhamos para o desfecho.

FINAL

“Tu não me buscarias se já não me houvesses encontrado.” Este pensamento, ou algo parecido, de Pascal apresentou-se, em sua

ambígua luminosidade, a João Brandão, após muita busca e muito malogro.

O cavalo desaparecido habitava em seu íntimo, João o levava consigo, pouco importando que a aparência física do objeto se subtraísse a seu olhar. Desistiu, pois, de procurá-lo. Não se procurando, acha-se. Um amigo de Juiz de Fora contou-lhe que vira desembarcar ali, de viatura militar, volumoso objeto recoberto de lona, transportado sob escolta munida de metralhadoras. Era o cavalo, evidentemente.

JB dispõe de boas relações em Juiz de Fora. Seguiu para lá, disfarçado em comprador de antiguidades. Para não comprometer ninguém, deixaremos de relatar como foi que ele, sem punhal automático na biqueira do sapato, sem raio *laser* e outros babados próprios de Flint & James Bond, conseguiu penetrar às vinte e três horas na dependência da IV RM onde se guardava a sete chaves o animal. Também omitiremos as circunstâncias em que o retirou de clausura e iniciou a volta ao Rio de Janeiro. Anotaremos apenas que a lua refletida no Paraibuna parecia acumpliciar-se com a aventura: não era bastante clara para denunciar nosso homem, nem tão enrusteda que o fizesse perder o rumo. Lua docemente mineira. Daí, quem sabe? Talvez as próprias autoridades, cansadas de guardar o cavalinho, e não sabendo o que fazer dele, houvessem favorecido o rapto. O cavalo tinha a especialidade de dizer coisas desagradáveis ou tristes, que aconteciam logo depois. Se fosse possível inverter-lhe o mecanismo, de sorte que passasse a dizer amenidades, poderia ser aproveitado na Agência Nacional. Os técnicos do Instituto Federal de Otimismo, que funciona junto ao Palácio da Alvorada em regime de tempo integral, consultados, opinaram negativamente. Conservá-lo era inquietante: como deixar no interior de praça de guerra um ente mágico, perturbador? Preferível soltá-lo, mantendo-o sob vigilância do Dops; seu proprietário seria o primeiro a não querer divulgar-lhe o dom profético: dentada de cavalo não é mole, não.

Lá vai pela estrada, de carro, João com seu cavalinho. Pensa o que fará dele. Sabe que no futuro não terá sossego em casa. Amigos acabarão desvendando o segredo, procurarão trans-

formar o animal em oráculo de cada um. E ele, João, sofrerá no lombo as consequências. Isso não contando com os agentes federais, que decerto hão de querer recapturar a presa (JB ignorava o pensamento último da Revolução a respeito do cavalo incomodo). E, deprimido, suspirou, plagiando Manuel Bandeira:

— Nunca mais outrora a minha vida teria sido um festim!

Num esforço de imaginação — já se sentia tão fatigado — sonhou o absurdo: voaria até Barreira do Inferno e, por artes de berliques e berloques, introduziria o cavalo num foguete meteorológico, salvando-o da ação repressiva do poder público. Levá-lo até cabo Kennedy e colocá-lo no bojo de um satélite artificial, ah, seria ótimo. Mas excederia o absurdo. Mesmo o absurdo nacional, porém, era demais para suas fracas forças.

Meia-noite. João para o carro à beira da estrada e tira o cavalo da grade. Quer conhecer pelo miúdo trabalhos e aflições que o esperam na Guanabara, nas próximas vinte e quatro horas. Para espanto seu e nosso, que não esperávamos tal coisa, o cavalo estava sem rabo. Um coronel cortara o rabo do cavalo. E o cavalo, sem rabo, não profetizava mais nada. Apenas ferrou uma *big* dentada no posterior de João Brandão, que não soubera impedir a ablcação do apêndice divinatório. Na dor da mordida, João deixou cair o ex-mágico animal na estrada. Logo se transformou em cacos, e os cacos em pó, sob as rodas que passavam. Quem se decepcionar com o fim insignificante deste caso, que nos desculpe: todos os casos reais têm fim insignificante.

27/12/1967 a 05/01/1968